

# HISTÓRIA DA IMAGEM DO IMPERADOR JULIANO: ILUMINISTAS EM AÇÃO<sup>1</sup>

Margarida Maria de Carvalho\*

## **Abstract**

*The history of emperor Julian's image is very copious and, at the same time, enthusiastic and containing plenty of curiosities. The authors of the biographies written about the emperor constructed different kinds of portraits which represented their specific historical and political points of view. In this article I will show how emperor Julian's image was described in some biographies from the XVIII<sup>th</sup> century.*

## **1. Considerações Preliminares**

A historiografia sobre o Imperador Juliano é vastíssima e se multiplica através dos tempos. Acreditamos que isto aconteça devido ao fato de que Juliano é uma das figuras mais polêmicas da História do século IV d.C. Poderíamos, indubitavelmente, escrever uma tese somente sobre a história de sua imagem, pois nunca um Imperador teve suas ações políticas (incluindo aqui as atitudes filosóficas e religiosas) e administrativas tão discutidas e julgadas ao longo da história. Inúmeros são os autores de sua própria época que construíram uma imagem a seu respeito; uma imagem, na maior parte das vezes, maniqueísta, voltada para o bem ou para o mal e articulada, é claro, por interesses diversos.

Autores cristãos mais conhecidos como Gregório Nazianzeno (329 - 390 d.C.), Ambrósio (340 - 397 d.C.) e Agostinho (354 d.C. - 430 d.C.), dentre outros, preocuparam-se em classificar o Príncipe como um autêntico perseguidor dos cristãos. Outros autores pagãos como Amiano Marcelino (330 - 395 d.C.) e Libânio (314 - 393 d.C.) não mediram esforços em deixar

---

\* Professora Dra. Adjunta de História Antiga do Departamento de História da UNESP - Franca e Doutora em História Econômica pela USP.

E-mail: margomc@terra.com.br

registrados diversos elogios sobre as atividades administrativas e políticas desse Imperador<sup>2</sup>.

Além desses registros, é fundamental destacar que o próprio Juliano foi o Imperador de toda a história de Roma que mais deixou escritos sobre seus sentimentos, o que significa ter deixado indícios sobre a sua personalidade, seus feitos militares, administrativos, legislativos, políticos e o mais interessante, sobre a sua formação cultural, isto é, sobre a sua própria *Paidéia*. Herdamos uma rica coleção de cartas, discursos, poemas e versos por ele escritos que chegaram às nossas mãos através de várias edições: Loeb Classical, Gredos e Belles Lettres, dentre outras.

Logo, já a partir do século IV d.C., estabelece-se uma relação entre a *História* e a *Memória* do Imperador Juliano. O enorme manancial de informações transmitido desde essa época à posteridade é um indício do motivo da acentuada e contínua proliferação de obras interpretativas sobre o Príncipe filósofo. Sua figura tornou-se objeto de estudo de muitos escritores, literatos e historiadores medievais, modernos e contemporâneos. Em determinados momentos, a imagem de Juliano chega a se tornar uma lenda ou até mesmo um mito. Em inúmeras ocasiões é heroificado, como averiguaremos na historiografia do século XVIII ou anti-heroificado como perceberemos em algumas obras do início do século XX.

Como afirma Peter Burke (1992a, p. 235), o historiador possui a função de ser um “lembrador”, um guardião da memória, dos acontecimentos postos por escritos em benefício ou malefício de seus atores – por exemplo, Juliano – para lhes dar fama e, também, para benefício da posteridade que poderá assim aprender – ou não – com o seu exemplo. Assim sendo, partindo-se dessa premissa, é necessário escrever para se manter viva a memória dos grandes feitos, dos grandes homens e dos grandes acontecimentos, mesmo quando se trata de um personagem histórico altamente polêmico como Juliano. Neste caso, ao contrário do que se pensa, o historiador se sente mais instigado ainda a pesquisar temas sobre a época e a personalidade do personagem.

Trata-se de nosso caso. Juliano insere-se nesta situação sendo sempre lembrado, como já nos referimos, de forma elogiosa ou extremamente crítica. Continuamente é julgado por algum tribunal na História. Queremos dizer que tanto a História como a memória sobre o Imperador Juliano passaram a ser vistas e examinadas de maneira cada vez mais problemática. Lembrar o passado e redigir sobre ele não é uma tarefa fácil, uma atividade

ingênua e inocente. Esta lembrança responde a um propósito e temos que aprender a estar atentos à escolha e à seleção consciente ou inconsciente à interpretação e à distorção dos fatos relacionados a Juliano.

A memória do Imperador poderá ser recordada não só por indivíduos isolados, mas por grupos sociais que determinarão aquilo que é memorável. Por exemplo, de que maneira Gregório Nazianzeno, como representante do cristianismo ortodoxo, construiu a imagem do Imperador postergada à posteridade ou, conforme veremos no decorrer deste trabalho, como os ideólogos franceses, ingleses, alemães e italianos o interpretaram.

Assinalamos que em diferentes lugares e épocas os escritores e historiadores que escreveram sobre a vida ou aspectos da vida de Juliano tornaram seus atos memoráveis de formas diferentes, de acordo com as necessidades políticas de cada época. Ou seja, as imagens veiculadas possuem nuances distintas e se transformam sem os escritores e historiadores se preocuparem em estudar a memória como uma fonte histórica extremamente passível de crítica. Eis a razão de nossa meta ser analisar as formas de elaboração da imagem do Imperador.

Burke (1992a, p. 238) propõe que: "... os historiadores deveriam se interessar pela memória enquanto fenômeno histórico e com aquilo que poderia ser denominado de a história social da recordação"; haja vista que a memória social, tal como a memória individual, é seletiva. Precisamos, portanto, identificar os princípios de seleção e observar a maneira como variam de lugar para lugar, ou de um grupo para outro, bem como a forma e como tais princípios se modificam ao longo do tempo. As recordações são maleáveis e é necessário compreender a maneira como são moldadas e por quem são elaboradas.

Verificaremos que na transmissão das recordações sobre o Imperador Juliano cada meio social em sua época específica apresenta seus interesses em salientar um determinado acontecimento ao invés de outro. As fontes destes interesses são muitas e profundas, variando, portanto, de um período histórico para outro.

Selecionar os fatos do passado leva-nos às recordações que podem transformar determinados personagens em um *mito*. Nesta situação, o caráter apósito que deve ser apreendido é a sua transformação em herói. Remetemo-nos aqui a um conteúdo simbólico muito bem explicitado na obra de Sidney Hook (1962). Burke (1992a, p. 243) também reforça essa idéia ao

comentar que o termo *mito – ou mito do herói* – deve ser utilizado no sentido mais rico e mais positivo de história com significado simbólico; história esta composta a partir de incidentes estereotipados envolvendo personagens caracterizadas de forma exagerada em relação à realidade, quer se trate de heróis ou de seus opositores.

No que se refere a Juliano, as imaginações em torno do significado de sua personalidade descortinam a aparição de um herói ou de um anti-herói. Tal esquema é transmitido pela historiografia pagã e cristã do século IV d.C. e se propaga até mesmo em várias obras atuais. Os heróis ou os anti-heróis, como Juliano, se tornam fontes de interesses que, como já aludimos, variam em intensidade e caráter de um período histórico para outro.

O culto do herói ou do anti-herói é laboriosamente desenvolvido na transmissão escrita que, na maior parte das vezes, forja o retrato do Príncipe por meio da utilização de testemunhos apurados de forma acrítica. O resultado é a verificação de uma disputa erigida entre autores que apresentam biografias e relatos rivais sobre o Imperador.

Todas essas considerações suscitam nossa proposição em desvelar a história da imagem do Imperador Juliano. Para tanto, por ser sua historiografia extremamente grande, fizemos um corte temporal. Faremos um estudo neste artigo, sobre as biografias escritas pelos autores iluministas da França do século XVIII, realizando uma avaliação crítica sobre o texto de Marie-Helène Cottoni e Laurence Viglièno (1981, p. 12-31).

As biografias são registros de memória sobre a vida de personagens históricos e possuem a função de informar ao leitor fatos importantes desenvolvidos pelo personagem e, igualmente, de fazer uma propaganda política da época em que tal personagem está envolvido. Inclinaamo-nos a dizer que as biografias são reflexos de um momento histórico.

Segundo Jacques Le Goff (1989, p. 48), houve, nas últimas décadas, um retorno à confecção de biografias. Fato inédito se nos referirmos ao Imperador Juliano, pois verificamos que não houve, pelo menos, até 1986, nenhuma interrupção na produção de biografias a seu respeito. Isto sem citar os estudos e relatos que, até os dias atuais, não param de se multiplicar. Vide o nosso próprio interesse por tudo que se refere ao Imperador Juliano.

Com o advento da História das Mentalidades e, posteriormente, da História Cultural, as biografias tomaram um novo sentido. Ainda em consonância com Le Goff (1989), as biografias passaram a ser escritas tendo como

base uma teoria. Assim, elas seguiriam um modelo teórico diferenciando-se das biografias dos séculos XIX e das elaboradas até a metade do século XX cujos autores, em suas leituras, não possuíam tal comprometimento.

Dessa forma, se a biografia (LE GOFF, 1989, p. 49) segue o modelo pertinente à História das Mentalidades, deve ser vista como um complemento indispensável à compreensão de uma história que envolva a análise das estruturas sociais e dos comportamentos coletivos. As biografias, portanto, devem estar aliadas ao seguinte objetivo: elaborar a apresentação e interpretação da vida de um indivíduo na História, sendo esta mesma História esclarecida pelas novas concepções da historiografia.

Embora não possamos negar a importância do que Le Goff nos aponta acerca do desenvolvimento das biografias, somos tentados a concordar com Claude Arnaud (1989) quando comenta que, mesmo as biografias sendo feitas com base em alguma argumentação teórica, os seus respectivos autores tendem a ser passionais seguindo modelos políticos e sociais que lhes convêm.

O biógrafo, na verdade, deve reunir o maior número de dados possível sobre o personagem histórico objetivando se aproximar ao máximo de sua realidade. Segundo Orioux (1989, p. 33), o biógrafo necessita ter uma cultura histórica geral e um conhecimento prévio, o mínimo que seja, sobre a figura histórica escolhida. Precisa sentir admiração por tudo aquilo que ele escreveu e gostar da época na qual está inserido. Não obstante sua admiração pelo personagem, o biógrafo não deve elidir suas velhacarias ou as suas “más ações”, não caindo na nefasta tentação de se desviar daquilo que o documento está expressando; seria como forçar o testemunho a falar o que não falou. É também fundamental lidar com documentos inéditos que tragam uma nova luz sobre a vida do personagem.

Os biógrafos precisam conhecer todas as faces do modelo histórico que escolheu. Logo, é necessário reunir todos os testemunhos dos que o conheceram e fazer uma releitura crítica do que foi escrito. Não basta aproveitar somente observações e notícias expostas em outras biografias. Os testemunhos de época devem ser reavaliados com cautela; o caráter das fontes utilizadas pelos autores deve sofrer um questionamento constante.

A biografia pode se tornar mais rica ainda quando temos em mãos os escritos do próprio personagem escolhido. Em nosso caso esta observação não poderia ser mais pertinente. Já aludimos que o número de cartas e discursos escritos pelo próprio Imperador é bastante expressivo. Por este moti-

vo, apesar de autores modernos continuarem classificando a figura de Juliano como demasiadamente controversa, estudar sua vida é uma tarefa assaz privilegiada. Há uma marca importante em seus registros; eles possuem, na maioria das vezes, um caráter autobiográfico.

Em muitos de seus discursos, como: *Elogio à Imperatriz Eusébia, Consolação a si mesmo pela partida do excelente Salústio, Hino a Hélio Rei, Ao Senado e ao Povo de Atenas, Contra o Cínico Heráclio, Contra os Cínicos e Ignorantes* e outros como *Misopogon* e *Os Césares*, há a revelação de dados sobre a sua infância, adolescência, sua educação, seus feitos como *César*, seus problemas em Antióquia já como Imperador e o seu ideal imperial de virtude pagã. Tudo isto sem contar com as suas cartas, materiais riquíssimos com um manancial de informações indicando todos os dados contidos acima e mais suas atitudes administrativas: as missivas, também, são documentos importantes para se averiguar suas amizades e, mais ainda, seus pensamentos filosóficos e culturais. Portanto, mesmo em seus discursos e cartas que respondem à tradição das mensagens políticas imperiais há o acento da vida pessoal e da cultura helênica de Juliano. Obviamente que não podemos deixar de levar em consideração, na descrição do seu autorretrato, o caráter de propaganda política a ele subjacente.

Ao reunir todos os testemunhos existentes e pertinentes sobre o personagem, alvo de sua atenção, não seria atrevimento pensar que o biógrafo têm condições de conhecê-lo melhor do que seus próprios contemporâneos (no caso de Juliano, contemporâneos como Amiano Marcelino, Libânio, Gregório Nazianzeno e outros).

Levando em conta as considerações descritas, almejamos buscar uma melhor compreensão das tão diversas construções sobre a imagem do Príncipe Juliano na seguinte obra: COTONI, Marie-Hélène e VIGLIÉNO, Laurence (In: RICHER, Jean (org.). 1981, p. 11-32).

Aproveitaremos as informações contidas no texto e faremos uma interpretação dos dados. Não tivemos acesso às obras dos iluministas e, também, não é nossa intenção fazer uma revisão historiográfica extensa sobre o tema, mas, sim, ilustrar como a imagem do Imperador Juliano foi construída no século XVIII.

Temos conhecimento de que é impossível construir uma análise ampla e exaustiva de todos os elementos utilizados na composição da biografia; portanto, ressaltaremos as seguintes informações no texto supracitado<sup>3</sup>:

- 1) Se os autores utilizaram fontes contemporâneas ao Imperador Juliano, verificando: como estas fontes foram usadas, se é visível no texto dos autores a utilização de algum modelo teórico e, assim sendo, ressaltar a época em que a biografia foi escrita.
- 2) Se os autores se referem a outros biógrafos e como suas posições são vistas, se são aceitas ou contestadas.
- 3) Se há alteração de informações sobre o personagem e se serviram para exprimir pontos de vistas próprios. O que um autor cita que o outro não revela (a famosa seleção de informações indicada por Peter Burke). Os pontos de vista dos autores poderão ser confrontados com os testemunhos do próprio Juliano. Indicaremos as citações dos testemunhos ou, quando possível, explicitaremos o testemunho. (Elaboração de um confronto de posições. O testemunho de Juliano pode ou não estar de acordo com o do autor.)
- 4) Qual assunto, relacionado a Juliano, é mais explorado pelos autores; quais os extremos existentes em relação à imagem do Imperador e quais informações foram omitidas.
- 5) Finalmente, qual a posição dos autores em relação à personalidade do Príncipe Juliano e no que diz respeito ao seu papel como Imperador na História do século IV d.C.

Após a demonstração do que buscaremos no texto, começaremos nossa análise.

## **2. A Imagem do Imperador Juliano**

### **2.1 Iluministas em Ação**

Observa-se, a seguir, uma interpretação do artigo de:

COTONI, Marie-Hélène e VIGLIÉNO, Laurence. Julien au Siècle des Lumières en France In: RICHER, Jean (org.). *L'Empereur Julien . De la Légende au Mythe (De Voltaire à nos jours)*. Paris: Les Belles Lettres, 1981. p. 11-32.

Destacamos acima os detalhes da publicação da obra, já citada na bibliografia deste artigo, para ilustrar a concepção de que o artigo de Cotoni e Vigliéno é um texto rico em informações sobre as opiniões de autores iluministas franceses acerca das ações do Imperador Juliano, principalmen-

te, nos âmbitos religioso, filosófico e político. Percebemos que Cotoni e Viglièno possuem grande erudição sobre o tema. Porém, a organização das informações no corpo do artigo é bastante confusa e as citações bibliográficas nem sempre são feitas de forma completa. Não há articulações claras entre os autores modernos mencionados e a sua própria época e há uma falta de informações mais precisas sobre quem foram os autores iluministas e uma interpretação mais apurada do motivo pelo qual estariam louvando a figura do Imperador Juliano. Não é nossa intenção preencher todas essas lacunas, mas, para facilitar a compreensão do leitor sobre o tema, faremos uma nova organização dos dados presentes no texto, além de inserir em sua análise, nosso roteiro de investigação exposto anteriormente.

Dessa maneira, citamos, em primeiro lugar, os autores iluministas mencionados por Cotoni e Viglièno:

Jean Meslier, Manuscritos Clandestinos ou Tratados Anônimos, D'Holbach, Chastellux, Abbé de La Bletterie, Abbé de La Porte, Marquis d'Argens, Voltaire, Montesquieu e Diderot.

Os temas arrolados pelos autores iluministas são:

- a) Aspectos religiosos em Juliano;
- b) Juliano como escritor;
- c) Juliano como Príncipe soberano;
- d) Apostasia e aspectos filosóficos em Juliano.

Notamos que os autores modernos iluministas distinguem os aspectos político, religioso e filosófico ao se referirem às ações julianinas. Em nossa opinião, isto fez com que os autores do texto se atrapalhassem na descrição e interpretação das informações.

Veremos, a seguir, como alguns dos iluministas citados constroem a imagem do Imperador Juliano de acordo com os seus interesses e valores de sua época. Antes, devemos acrescentar que, conforme Cotoni e Viglièno (1981, p. 12), os filósofos do século XVIII retomam com insistência as virtudes do Imperador se opondo, fortemente, à representação diabólica edificada pelos clérigos e autores cristãos da época medieval. Eles ressaltarão, criticamente, os laços estabelecidos por eles entre a religião cristã e a moral. Faz-se necessário indicarmos, também, que da lista dos dez autores iluministas, escolhemos somente seis para descrição e interpretação das referências.

### a) A Posição de Jean Meslier<sup>4</sup>

Há um breve comentário sobre o que Meslier pensa a respeito da moral cristã. Esta seria interpretada como uma tendência à queda da justiça, à opressão dos pobres e dos fracos. Assim, se poderia justificar a apostasia de Juliano que não concordava com tal idéia. De acordo com Cotoni e Vigliéno (1981, p. 12), Meslier aborda somente o aspecto religioso e a apostasia do Imperador. Veremos adiante que há autores que discordam de Meslier como o Abade de La Bletterie que revela um novo olhar crítico sobre o tema. No sentido dado por Meslier à questão da moral cristã, era oportuno ressuscitar a figura de Juliano que possuía uma moral baseada nos princípios do paganismo.

Pensamos ser interessante citar a própria voz do Imperador e reparar que, provavelmente, as conclusões dos autores são elaboradas de forma bastante acrítica.

Logo, a posição de Meslier pode vir ao encontro de um pensamento do Imperador quando se referia à sua noção de filantropia, supostamente isenta de valores cristãos, como exemplificado no fragmento da *Carta do Imperador Juliano a Arsácio, supremo sacerdote da Galácia*:

*“... temos que praticar acima de tudo a filantropia, pois muitos outros bens a seguem e, sobretudo o maior e o mais excelente: a benevolência dos deuses.... temos que compartilhar os bens com todos os homens, mas com os bons de forma mais liberal e com aqueles que não possuem recursos; aos pobres temos que dar tudo que baste às suas necessidades”* (carta n. 84, escrita em Antióquia<sup>5</sup>).

### b) Os Manuscritos Clandestinos ou os Tratados Anônimos

Os tratados anônimos do século XVIII que falam sobre o Imperador Juliano são numerosos e, segundo Cotoni e Vigliéno (1981, p. 12) todos revelam uma crítica sobre os laços estabelecidos entre a religião dos cristãos e a moral. O manuscrito clandestino denominado *Difficultés sur la Religion*<sup>6</sup>, escrito por volta de 1711, critica e rejeita aquilo que chama de deformação do sectarismo cristão e opõe-se à vingança dos eclesiásticos, por terem construído uma imagem negativa do Príncipe ao alegarem que sua apostasia o transformou em um monstro, elucidando a clemência do Imperador. Seria, então, um tratado que demonstraria a

inutilidade da cristandade no tocante à autonomia da moral. Seria um reforço à oposição: direitos naturais x as máximas da moral cristã. Esta idéia, como já vimos, é aproveitada por Jean Meslier e vêm ao encontro do seguinte testemunho do Príncipe Juliano no trecho referente a *De Juliano a Atarbio*:

“Pelos deuses, afirmo que não quero matar os galileus nem golpeá-los injustamente, nem que sofram algum outro tipo de desgraça, mas afirmo veementemente que prefiro aqueles que veneram os deuses, pois, a loucura dos galileus têm subvertido tudo...” (Carta n. 83 escrita em Antióquia)

Dentre outros manuscritos clandestinos destaca-se o *Traité des Miracles*<sup>7</sup> que ressalta a tríade Porfírio-Celso-Juliano em contraste aos anátemas dos apologistas cristãos, ridicularizando o cristão maravilhoso. Esse tratado também estabelece paralelos entre os prodígios de Jesus e Apolônio de Tiana.

Por último, o manuscrito *Le Lettres sur la Religion*<sup>8</sup> editado com o título de *Lettres a Sophie* revê o conflito em que Juliano é dado como morto pelos cristãos.

### c) *Os Comentários de D’Holbach e Chastellux*

D’Holbach continua na linha de autores que só fazem comentários sobre os aspectos religiosos da obra do Príncipe. Em seu livro chamado *Tableau des Saints*<sup>9</sup> exprime sua admiração pelo tratado do Imperador: *Contra os Galileus*. Segundo D’Holbach: “Monumento durável eleito contra à vergonha da religião e aos meios abomináveis dos cristãos” (COTONI e VIGLIÉNO, 1981, p. 17). Tal autor compara, também, a superioridade da figura de Juliano à miséria do pensamento judaico. Vejamos adiante o testemunho de Juliano:

“... em efeito não se ocupam (os galileus) nem de nossas vidas, nem de nossas características, nem de nossos costumes, nem de nosso bom governo, nem de nossas instituições políticas. Convêm, todavia, que recebam honras de nossa parte? Em absoluto (JULIANO. *Contra os Galileus*, 138 c - 138d)”.

Chastellux<sup>10</sup>, por seu turno, ainda no campo dos aspectos religiosos, comenta que não possui nenhuma simpatia pelos historiadores eclesiásticos por deplorarem a imagem de Juliano. Arrisca, também, alguns comentários sobre Juliano escritor, criticando sua falta de autenticidade ao escrever *Misopogon*, sátira feita pelo Imperador contra os antioquianos que não aceitaram suas medidas políticas.

#### *d) Os Pontos de Vista do Abade de La Bletterie*

É considerado por Cotoni e Vigliéno (1981, p. 13) um autor de relevo cujos comentários acerca de Juliano são imprescindíveis para compararmos com os de outros filósofos como, por exemplo, aos de Voltaire.

La Bletterie foi professor de eloquência do Colégio Royal e, em consonância com os autores citados anteriormente, possuía uma posição moderada no que diz respeito ao Príncipe filósofo. Seus comentários se estendem além dos aspectos religiosos declarando, igualmente, sua posição em relação ao Juliano escritor, filósofo e ao seu papel de soberano. Em 1735 redige *Vie de l'Empereur Julien*<sup>11</sup>, reeditada em 1746 após sofrer uma revisão e uma ampliação. Cotoni e Vigliéno indicam que esta publicação de La Bletterie é a continuação da empresa de Pére Petau e Spaheim sobre a vida de Juliano. Na obra, La Bletterie admira o interesse de Juliano pela eloquência e sua engenhosidade na preparação de seus discursos.

Em 1748 publica *Histoire de L'Empereur Jovien et traduction de quelques ouvrages de l'Empereur Julien*<sup>12</sup> onde traduz, ao mesmo tempo fazendo várias notas, *Os Césares*, *Misopogon* e mais quarenta e sete cartas do Imperador. Alega que as traduções anteriores são incompletas e problemáticas. O rigor da tradução seria importante para se conhecer melhor Juliano como escritor e, também, a sua personalidade. La Bletterie não deixa de sublinhar que Juliano foi vítima de suas ilusões, pois, em sua opinião, toda incredibilidade deve ser apontada e percebida. La Bletterie reconhece, segundo Cotoni e Vigliéno (1981, p. 13), as qualidades do Imperador e os exageros forjados por Gregório Nazianzeno sobre a personalidade do jovem Príncipe, pois as suas características pessoais devem ser examinadas com sangue frio, ou seja, sem o calor da crença em Jesus Cristo. Os escritores pagãos ou cristãos deveriam saber separar o apóstata do filósofo e do Imperador para reconhecer melhor suas qualidades e seus defeitos. Juliano, em sua opinião, não deveria ser comparado nem a Nero nem a Trajano: tão pouco a Domiciano e a Marco Aurélio<sup>13</sup>.

O abade faz uma avaliação em torno da atitude de Juliano em reconstruir o templo de Jerusalém, citando Amiano Marcelino, Gregório Nazianzeno, Santo Ambrósio e João Crisóstomo. Refere-se à seguinte carta do Imperador: *Aos judeus sobre a reconstrução do Templo de Jerusalém*: “Pois com todo entusiasmo volto a levantar o templo do mais alto Deus” (Carta n. 134, escrita em Antióquia)<sup>14</sup>.

La Bletterie avalia, também, a posição de Libânio sobre a morte de Juliano que, segundo tal sofista, teria sido morto por cristãos. O abade se preocuparia em fazer comentários equilibrados sobre a morte de Juliano e pouparia, dessa forma, os cristãos de qualquer acusação. De acordo com os autores do texto em questão, La Bletterie reconhece que a morte do Imperador foi uma infelicidade para o Estado Romano pois sua morte teria antecedido a queda de Roma. Esta apreciação do abade teria sido valorizada pelos filósofos iluministas, fundamentalmente por Voltaire.

No decorrer do texto, Cotoni e Vigliéno voltam a falar sobre os aspectos religiosos – referentes a Juliano – abordados por La Bletterie. Tal filósofo admiraria o voto de castidade feito pelo Príncipe após o falecimento de sua esposa Helena. O Imperador é admirado, também, por levar uma vida reservada, sem freqüentar festas e espetáculos. No entanto, o abade entra em contradição ao tecer comentários sobre as cartas de Juliano: “suas ações e virtudes são mais movidas pelo pedantismo do que por princípios” (apud COTONI e VIGLIÉNO, 1981, p. 21).

Uma outra opinião do abade que devemos ressaltar é que Juliano tem uma pretensa tolerância religiosa aos cristãos, pois lhes tinha um verdadeiro ódio. De fato, isso pode ser constatado em algumas cartas do Imperador, como exemplificado no trecho da carta *De Juliano a Ecdício, prefeito do Egito*, a seguir:

*“Uns amam os cavalos, outros os pássaros e outros ainda as feras; eu desde pequeno, estou possuído por um desejo terrível de obter livros... faça-me um favor a nível pessoal: Encontre todos os livros de Jorge (da Capadócia). Havia muitos dos filósofos, muitos dos retóricos e muitos, também, da doutrina dos ímpios galileus; sobre estes últimos adoraria riscá-los a todos, mas tenho medo que; junto com estes, os outros mais valiosos sejam arrebatados...”* (Carta n. 107, escrita em Antióquia).

Outras referências depreciativas aos cristãos podem ser verificadas nas cartas de números 54, escrita em Ilíria ou em Constantinopla, e 83 e 84, estas últimas redigidas em Antióquia.

No tocante à apostasia do Príncipe, percebemos, através do texto de Cotoni e Viglieno (1981, p. 22), que é uma questão central para os iluministas. La Bletterie, por exemplo, preocupa-se em dizer que os desagravos de Juliano ocorridos em relação a Constâncio acrescidos de algumas características de sua educação ou *Paidéia* levam o Príncipe à apostasia. As divisões existentes no cristianismo fazem, também, que ele se volte ao paganismo, admirando sua mitologia e o apego às forças da natureza<sup>15</sup>. O abade culpa, igualmente, o filósofo e teurgo Máximo de Éfeso por ter influenciado Juliano a largar o cristianismo.

É interessante observarmos o juízo de valor do abade ao comentar que Juliano reunia todas as características ridículas do paganismo e que se transformou num verdadeiro papalvo de certos filósofos<sup>16</sup>.

Finalmente para La Bletterie, Juliano era um adepto fanático de uma religião que reunia características do platonismo acrescentadas de dogmas egípcios, caldeus e preceitos de austeridade<sup>17</sup>.

Ao opinar sobre o papel de Juliano como escritor, o abade disserta que as inúmeras atividades de Juliano como *César* e *Augusto* o teriam impedido de ser um bom autor de discursos e poesias. Destaca, porém, em sua obra, sua excelente memória e conhecimento. Juliano seria sensível à sua cultura grega, mas a impregnação da mesma suscitaria preconceitos e pedantismo. É visível que La Bletterie enumera qualidades e defeitos ao mesmo tempo ao anunciar que junto ao seu espírito de erudição, elegância e enérgica eloquência vêm-se frialdades, verborréias e obscuridades. Tais caracteres podem, segundo La Bletterie, ser vistos nos discursos: *Hino à Mãe dos Deuses* e em *Os Césares*<sup>18</sup>.

Outro discurso que chama a atenção do abade é o *Misopogon*, o qual, segundo o próprio, é marcado pela ironia – talento peculiar ao Imperador – mas que não deixa de mostrar as suas amarguras<sup>19</sup>.

Para terminar, La Bletterie faz uma avaliação importante sobre o papel de Juliano como soberano. Juliano teria cumprido exemplarmente o seu papel como soberano sendo um restaurador da disciplina militar, homem de grandes batalhas e salvador de vidas humanas. Teria levado segurança às províncias, e diminuído os impostos nas Gálias<sup>20</sup>.

Por fim, La Bletterie comenta que, apesar dessas boas atividades, Juliano desejava crescer demais aos olhos da população<sup>21</sup>.

#### e) O Pensamento de Voltaire

Em seu artigo intitulado *Julien* inserido no *Dictionnaire Philosophique*<sup>22</sup>, Voltaire faz uma crítica ao abade de La Bletterie por este ter dado margem à falação sobre o fato de Juliano ter tentado reconstruir o Templo de Jerusalém. Para Voltaire, o abade não teria checado suficientemente bem a informação cedida por Amiano Marcelino (COTONI e VIGLIÉNO, 1981, p. 15). Entretanto, louva La Bletterie por ter quebrado a idéia de que Juliano seria um apóstata. Tudo indica que os iluministas evitaram, ao máximo, se referirem a Juliano nesses termos.

Por volta de 1769, Voltaire faz aparecer *Discours de L'Empereur Julien contre le Christianisme*; o filósofo suprime da tradução o texto original em grego e as notas sobre este existentes contrariando, assim, em nossa opinião, o rigor proclamado por La Bletterie em suas traduções dos textos julianinos.

A grande preocupação de Voltaire está em não só corrigir os exageros que os autores cometeram ao interpretar as ações de Juliano, como também em ressaltar o grande ideal que o Imperador possuía como filósofo.

Em 1767, ao fazer uma adição ao seu artigo *Baptême* encontrado no *Dictionnaire Philosophique*<sup>23</sup>, Voltaire, ao expor sua posição contra o cristianismo, se utiliza da personalidade e das palavras de Juliano quando em *Os Césares* o Príncipe se refere de forma pejorativa e sarcástica à figura do Imperador Constâncio. Dessa maneira, Voltaire ressalta os perigos de uma doutrina que possuía segredos criminosos.

Em um capítulo chamado *Considerations sur Julien* da obra denominada *l'Examen Important de milord Bolingbroke*<sup>24</sup>, Voltaire satiriza a bíblia, em particular, a *Gênese* das profecias do *Decálogo*. O capítulo XVI da mesma obra cita as propostas do Imperador Juliano sobre “a origem desprezível dos primeiros cristãos” (COTONI e VIGLIÉNO, 1981, p. 17).

É possível percebermos que Voltaire transforma Juliano em seu verdadeiro aliado, no que diz respeito às troças e pensamentos críticos feitos à Igreja. Mas nem todos os iluministas vão concordar com ele, como vimos ao discorrer sobre as considerações do abade de La Bletterie a respeito do Imperador.

Além de observarmos em *Contra os Galileus* – discurso do Imperador Juliano – várias passagens sarcásticas acerca dos cristãos, é visível, na carta que citaremos a seguir, a forma pela qual Juliano se referia à crença dos cristãos:

Do Imperador Juliano aos habitantes de Bizâncio:

Devolvemos todos os vossos senadores e patrôbulos seja porque se entregaram à superstição dos galileus, ou seja porque se engenharam, de qualquer maneira, para escapar do senado, exceto os que tenham exercido cargos públicos na metrópole (Carta n. 54 escrita em Ilíria ou em Constantinopla).

Em *Poème sur La Naturelle* publicado em 1756 na obra *Questions sur l'Encyclopedie* (COTONI e VIGLIÉNO, 1981:22), Voltaire engrandece as virtudes religiosas do Príncipe Juliano. Voltaire se desdobra em construir a imagem de um Imperador fiel à razão<sup>25</sup>.

As qualidades de Juliano elencadas por Voltaire se articulam à sua luta anticristã. Tal filósofo, portanto, diminui as proporções alcançadas pelo cristianismo no século IV d.C. ao elaborar a história do pensamento de Juliano. Segundo Cotoni e Vigliéno (1981: 27), em *L'Examen de milord Bolingbroke*, Voltaire precisa que Juliano combate, particularmente, os arianos e atanasianos<sup>26</sup>.

Tudo leva a crer que Voltaire justifica as animosidades de Juliano com os cristãos como atitudes de um Imperador sábio que gostaria de impedir os conflitos existentes entre os próprios cristãos<sup>27</sup>.

Voltaire isenta-se em comentar o papel de Juliano como escritor; não se interessa em falar do Juliano das cartas e discursos, ou seja, do Juliano beletrista; mas, em relação ao Juliano soberano se alonga e tece grandes elogios. Enaltece as ações do Imperador como chefe militar, relatando ser o Príncipe um soberano de valor, um verdadeiro monarca esclarecido<sup>28</sup>.

### *f) Comparando as Posições de La Bletterie e Voltaire*

As biografias relativas ao Imperador Juliano escritas nessa época retratam os valores básicos do iluminismo, como a relevância à ciência e aos direitos humanos. Para os autores, em especial os filósofos, é imprescindível a separação do conceito de justiça da moral cristã.

Há, porém, algumas diferenças entre as biografias; é o que podemos notar entre os textos de La Bletterie e de Voltaire<sup>29</sup>. La Bletterie

parece se preocupar mais do que Voltaire com a transmissão das notícias existentes em autores de sua própria época – o século XVIII – e faz um estudo mais elaborado das fontes da época do Imperador. Reporta-se a Amiano Marcelino, Gregório Nazianzeno e Santo Ambrósio e além disso, adianta-se em comentar o rigor que se deve ter nas traduções dos textos de autoria do Imperador Juliano. Já Voltaire, segundo Cotoni e Vigliéno, suprime as notas do texto original, o que torna visível, desde já, a seleção de informações.

Pelo que podemos notar, La Bletterie aceita os testemunhos de Jean Meslier e informações de alguns tratados anônimos; Voltaire só teria se beneficiado das informações que louvam o Imperador – como as contidas em D'Holbach e Chastellux – repudiando as críticas que La Bletterie faz ao Príncipe e aproveitando somente os elogios deste abade à figura do Imperador.

É visível, como já nos referimos anteriormente, que La Bletterie entra em contradição com alguns pontos referentes à personalidade do Imperador, porém, tenta se aproximar mais do que Voltaire do testemunho do próprio Príncipe. Voltaire chega a não enxergar o conteúdo dos discursos e cartas do Imperador inventando algumas situações e silenciando outras, isto é, ele chega a burlar a documentação em seu afã de defender Juliano. É o que podemos averiguar quando confrontamos as informações das biografias com a voz do próprio Príncipe.

O tema mais explorado pelos dois autores é o religioso e, conseqüentemente, a apostasia do Imperador. La Bletterie critica o misticismo do Príncipe enquanto Voltaire se exime de falar a respeito do assunto.

Tanto La Bletterie quanto Voltaire exaltam a figura de Juliano como grande soberano. Militar exemplar e restaurador dos impostos nas Gálias, enfim, um chefe de Estado memorável. Voltaire chega a dizer que Juliano é um verdadeiro monarca esclarecido.

Parece não interessar aos autores do século das luzes os assuntos que se referem aos aspectos legislativos assim como é perceptível a dificuldade de se compreender a união entre os aspectos políticos, religiosos e filosóficos em Juliano.

O Imperador Juliano, para os autores iluministas aqui contrapostos, é uma figura chave na História do século IV d.C.; segundo La Bletterie, talvez suas ações pudessem ter evitado a queda do Império Romano.

Os autores do século XVIII, dentro dos limites que lhes são permitidos, almejam objetivar a biografia do Imperador Juliano dentro da História da França. A imagem do Príncipe anticristão, carrasco e sanguinário marcada pelos séculos anteriores deve se esvaír. Como afirmam Cotoni e Vigliéno (1981, p. 31) entre os apologistas cristãos, coexistem a apresentação burlesca de um Imperador supersticioso e o reconhecimento de certas qualidades. As virtudes políticas e morais, entretanto, são mais sobressaltadas pelos filósofos.

O século das luzes é o século da razão, mas, nem por isso, a imagem do Imperador deixa de ser construída de maneira forjada, imaginária e oportunista.

### **Documentação**

AMMIANUS MARCELINUS. *Res Gestae*. Translation, Introduction and notes by J.C.Rolfe, 3 v. Loeb Classical Library. Harvard, 1935-1939.

GRÉGOIRE NAZIANZE, Saint. *Lettres*. Texté Établi et Traduit par Paul Gallay. Paris: Les Belles Lettres, 1964, 2v.

\_\_\_\_\_. *Contre Julien*: Discours 4 e 5. Introduction, texte critique et notes par Jean Bernardi. Paris: Les Éditions du cerf, 1983.

JULIANO. *Contra los Galileos*. Cartas y Fragmentos. Testimonios. Leyes. Introducción, traducción y notas por José Garcia Blanco y Pilar Gimenez Gazapo. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

LIBANIUS. *The Julianic Orations*. With an English translation, introduction and notes by A. F. Norman. The Loeb Classical library. Harvard: Harvard University Press, 1969.

### **Bibliografia**

ALEXANDRE, Monique. Fragments autobiographiques dans l'oeuvre de Julien. In: BASLEZ, Marie-Françoise, HOFFMAN, Philippe et PERNOT, Laurent. L'Invention de l'autobiographie D'Hésiode a Saint Augustin. *Actes du deuxième Colloque de l'Equipe de Recherche sur l'Hellenisme post-classique*. Paris: École Normale Supérieure, 14-16 juin. 1990, p.285-303.

ARNAUD, Claude. La Retour de la Biographie: dun tabou a l'autre. *Le Débat*. Paris, vol. 54 (mars-avril), p. 40-47, 1989.

- BOUFFÀRTIGUE, Jean. Julien dans la Littérature Savante des Dix-Neuvième et Vingtième Siècles. In: RICHER, Jean (org.) *L'Empereur Julien. De la Légende au Mythe* (De Voltaire a nos Jours). Paris: Les Belles Lettres, 1981, p. 83-111.
- BRAUM, René. Julien et le christianisme. In: BRAUN, René et RICHER, Jean. *L'Empereur Julien. De l'histoire à la légende (331-1715)*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, v.I., p.159-187.
- BURKE, Peter. A História como Memória Social. In: \_\_\_\_\_. *O Mundo como Teatro. Estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa: Difel, 1992b, p.235-251.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- COTONI, Marie-Hélène et VIGLIÈNO, Laurence. Julien au Siècle des Lumières en France. In: RICHER, Jean (org.) *L'Empereur Julien. De la Légende au Mythe* (De Voltaire a nos Jours). Paris: Les Belles Lettres, 1981, p. 11-32.
- DANIELOU, Jean e MARROU, Henri. *Nova história da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1966.
- HOOK, Sydney. *O Herói na História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.
- HUART, Pierre. Julien et Hellénisme. Idées Morales et Politiques. In: BRAUN, René et RICHER, Jean. *L'Émpereur Julien. De L'Histoire à la Légende (331-1715)*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, p. 99-123.
- LE GOFF, Jacques. Comment Écrire une Biographie Historique Aujourd'hui? *Le Débat*, vol. 54 (mars – avril). Paris, p. 48-53, 1989.
- MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. *Imperadores Imaginários: Política e Biografia na História Augusta (século IV d.C.)*. 1998. 148 p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- ORIEUX, Jean. A Arte do Biógrafo. In: DUBY, George (org.) *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, 1989. p. 33-42.
- VEYNE, Paul. *Como Se Escreve A História*. Lisboa: Edições 70, 1987.

<sup>1</sup> Esse artigo baseia-se no capítulo 1 de minha Tese de Doutorado, intitulado: *História da Imagem do Imperador Juliano: biógrafos e biografias em questão*. A Tese denomina-se *Paidéia e Retórica no séc. IV d.C.: a construção da Imagem do Imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno*, e foi apresentada na FFLCH/USP em fev. de 2003. Aproveitei o espaço presente para agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello pelas trocas profícuas.

<sup>2</sup> No conjunto de suas atividades políticas, incluímos suas práticas filosóficas e religiosas.

<sup>3</sup> Inspiramo-nos, também, no texto de:

MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. A História Augusta e a Historiografia. In: \_\_\_\_\_. *Imperadores Imaginários: Política e Biografia na História Augusta (século IV d. C)*, São Paulo: FFCH-H, 1998. Dissertação de Mestrado.

<sup>4</sup> *Oeuvres de Jean Meslier*. Paris: Anthropos, 1970. Tome I, p. 506-507 apud COTONI e VIGLIÉNO, 1981, p.12.

<sup>5</sup> Estamos seguindo a numeração das cartas estabelecida na obra:

BIDEZ-CUMONT. *Iuliani imp. epistulas, leges, poematia fragmentia varia*. Paris, 1922 apud Blanco, 1982, p.67.

<sup>6</sup> *Difficultés sur la Religion*. Bruxelles: Éd. Rolan Mortier, 1970. p. 244 apud COTONI e VIGLIÉNO, 1981, p. 12.

<sup>7</sup> Bibliothèque Mazarine. Ms. 1194 – 1195 apud COTONI e VIGLIÉNO, 1981, p. 16.

<sup>8</sup> Bibliothèque Mazarine. Ms, 1183 apud COTONI E VIGLIÉNO, 1981, p. 16.

<sup>9</sup> D'HOLBACH. *Tableau des Saints*. Londres: 1776, p. 241 apud COTONI E VIGLIÉNO, 1981, p. 17.

<sup>10</sup> Não encontramos no corpo do texto de COTONI e VIGLIÉNO, o nome da obra de CHASTELLUX.

<sup>11</sup> LA BLETTERIE, Abbé de. *Vie de l'Empereur julien*. Ed: 1746, p.3 apud COTONI e VIGLIÉNO, 1981, p.13.

<sup>12</sup> Histoire de l'empereur Jovien et traduction de quelques ouvrages de l'Empereur Julien. Éd: 1748, tome II, p. 116 apud COTONI e VIGLIÉNO, 1981, p. 13.

<sup>13</sup> Idem citação anterior, p.14.

<sup>14</sup> Este é o brevíssimo fragmento da carta em que Juliano anunciava aos judeus a imediata reconstrução do seu templo de Jerusalém, obra que seria abandonada pou-

co depois devido a inesperados tremores de terra. Os cristãos tomaram este fato como uma advertência divina ao Imperador que teria tentando desmentir a profecia de Cristo. Este fato pode ser averiguado em AMIANO, XVIII, 1, 2. Apud BLANCO E GAZAPO, 1982, p. 179.

<sup>15</sup> As cartas de número 30, escrita em Ilíria ou em Constantinopla, e a de número 80, redigida em Antióquia, demonstram, respectivamente, sua preocupação com assuntos relacionados ao paganismo e à sua devoção e conhecimento sobre a natureza.

<sup>16</sup> *Histoire de l'Empereur Jovien et traduction des quelques ouvrages de l'Empereur Julien*, 1748 apud COTONI e VIGLIÉNO, 1981, p. 23.

<sup>17</sup> As características da filosofia religiosa de Juliano podem ser verificadas nas cartas: 29 e 30 – escritas em Ilíria ou em Constantinopla e 81, 86 e 87, escritas estas últimas em Antióquia.

<sup>18</sup> Discursos escritos em Antióquia, Juliano já como Imperador.

<sup>19</sup> *Misopogon* é, na verdade, um repúdio do Imperador aos antioquianos que não aceitam as suas medidas políticas e administrativas.

<sup>20</sup> São várias as cartas de Juliano que se referem a assuntos do Estado: as de número 9, 10 e 14, escritas na Gália quando Juliano participa aos amigos o que está fazendo lá e 30 – escrita em Ilíria ou em Constantinopla e 79, escrita na Ásia Menor, dentre outras diversas.

<sup>21</sup> Vide mais uma vez à *Histoire de l'Empereur Jovien et traduction des ....* Apud COTONI e VIGLIÉNO, 1981, p. 20. Provavelmente La Bletterie está se referindo à aclamação do Exército das Gálias para que Juliano fosse Imperador.

<sup>22</sup> *Dictionnaire Philosophique*. Paris: Garnier, 1967, p. 268, apud COTONI e VIGLIÉNO, 1981, p. 15.

<sup>23</sup> *opus cit.* p. 49, apud COTONI e VIGLIÉNO, 1981, p. 17.

<sup>24</sup> A referência dessa obra não está completa.

<sup>25</sup> É interessante observarmos as cartas de números 59, 60 escritas em Ilíria ou em Constantinopla onde Juliano mostra sua vontade de assistir ao renascimento pagão, além de professar seu chamado espírito de justiça e legalidade e o desejo de transmitir, pacificamente, o paganismo. Questão que achamos ser bastante duvidosa em se tratando de suas atitudes perante o pensamento cristão. Nas cartas 78 e 79, redigidas na Ásia Menor, Juliano declara, respectivamente, necessitar da companhia dos filósofos e diz ter sido sempre um pagão, negando, portanto, a fase em que foi leitor da igreja cristã ariana.

<sup>26</sup> A carta n. 110, do Imperador Juliano – escrita em Antióquia – confirma a expulsão do bispo Atanásio de Alexandria. Essa posição de Voltaire pode ser contestada

ao averigarmos a carta de n. 107 – escrita, também, em Antióquia – onde o Imperador confirma seu ódio pelos cristãos, sejam quais forem os seus tipos.

<sup>27</sup> Em *Contra os Galileus*, Juliano reforça, de forma crítica, as contendas existentes entre os cristãos.

<sup>28</sup> *L'Examen Important de Milord Bolingbroke, [sine p.]*, apud COTONI e VIGLIÉNO, 1981, p. 20.

<sup>29</sup> Estamos tirando conclusões, na verdade, das idéias apresentadas por Cotoni e Vigliéno já que não tivemos acesso às biografias dos autores aqui explicitados.